



De Maingueneau a Amossy: notas de leitura em torno da noção de polêmica

From Maingueneau to Amossy: reading notes on the notion of polemic

De Maingueneau a Amossy: notas de lectura en torno de la noción de polémica

Roberto Leiser Baronas¹
Julia Lourenço Costa²

Resumo

Neste ensaio, temos como objetivo mostrar as diferenças de abordagem no tratamento da polêmica por parte de Maingueneau (2005) e de Amossy (2017). Para tanto, trazemos inicialmente a polêmica criada no campo do jornalismo brasileiro em 2011, acerca da compra por parte do Ministério da Educação do livro de Português, *Por uma vida melhor*, distribuído gratuitamente aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA e, num segundo momento, a polêmica instaurada no campo da arte, em 2017, por conta do cancelamento, por parte do Banco Santander, da Exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*. Nosso objetivo último é contribuir minimamente com o debate epistemológico em torno da noção de polêmica.

Palavras-chave: Filosofia do discurso; polêmica; mídia.

Abstract

In this essay, we aim to show the approach differences in the treatment of polemic by Maingueneau (2005) and Amossy (2017). For that, first of all, we bring the polemic generated in the Brazilian journalism field in 2011 because of the purchase, by the Ministry of Education, of the Portuguese book, *Por uma vida melhor*, distributed for free to students of Youth and Adult Education – Educação de Jovens e Adultos (EJA, in Portuguese) – and, secondly, we analyze the polemic generated in the field of art in 2017, due to the cancellation, by Santander Bank, of the exhibition *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*. Our final objective is to contribute to the epistemological debate around the notion of polemic.

Keywords: Discourse philosophy; polemic; media.

¹ Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos - DL/UFSCar. E-mail: baronas@uol.com.br

² Pós-doutoranda da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo na Universidade Federal de São Carlos. Em estágio de pesquisa na Université Paris-XIII (FAPESP-UFSCar 2017/12792-0 - FAPESP-BEPE 2018/18860-0). E-mail: julialourenco@usp.br



Resumen

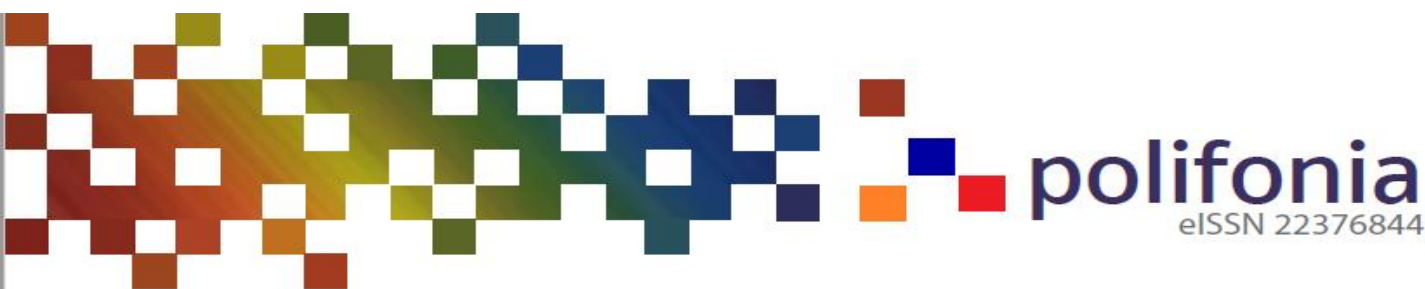
En este ensayo, tenemos como objetivo mostrar las diferencias de enfoques en el tratamiento de la polémica por parte de Maingueneau (2005) y de Amossy (2017). Para eso, traemos inicialmente la polémica creada en el campo del periodismo brasileño en el 2011, acerca de la compra por parte del Ministerio de Educación del libro de Portugués, *Por uma vida melhor*, distribuido gratuitamente a los estudiantes de la Educación de Jóvenes y Adultos – EJA y, en un segundo momento, la polémica instaurada en el campo del arte, en el 2017, por cuenta de la cancelación, por parte del Banco Santander de la exposición *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*. Nuestro último objetivo es contribuir minimamente con el debate epistemológico en torno de la noción de polémica.

Palabras clave: Filosofía del discurso; polémica; medios sociales.

1 Primeiras palavras

É possível constatar, observando jornais e revistas impressos e/ou virtuais, só para ficar nesses dispositivos midiáticos, que as polémicas pululam. Geralmente efêmeras e organizadas em discursos ou interações polêmicas, esses embates verbais tratam dos mais diferentes temas. Eis os resultados de uma brevíssima sondagem realizada ao acaso durante junho e julho de 2018. No dia 25 de junho, o Portal *GIglobo.com* publicou a seguinte reportagem: *Comissão especial da Câmara aprova projeto que flexibiliza o uso de agrotóxico* e no dia 31 de julho o jornal *O Estado de S. Paulo* publica o texto: *Desculpa ‘patrocinada’ de Neymar é parte de um contrato que custa mais de R\$ 25 milhões*. Essa rápida sondagem nos mostra que os litígios verbais são muito frequentes nas mídias e vão desde a importante discussão sobre a aprovação do texto da Lei dos Agrotóxicos, em Comissão Especial na Câmara dos Deputados, uma vez que trata de questões relacionadas à saúde pública e ao meio ambiente até a intensa repercussão crítica em torno da peça publicitária, produzida em tom de desabafo, protagonizada pelo atacante Neymar do PSG da França e da seleção brasileira de futebol.

Mesmo com uma presença tão assídua nos mais diferentes dispositivos midiáticos e com temáticas tão diversificadas, com raras exceções, os estudos que se debruçaram a compreender a polémica no espaço público, especialmente no âmbito das ciências da

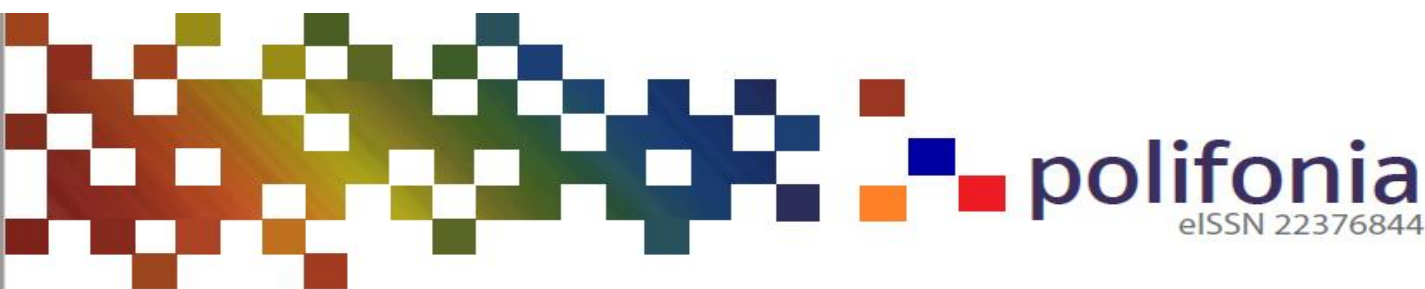


linguagem e talvez no das humanidades de uma maneira geral, se restringiram a interpretá-la, buscando: sua origem; seu alvo; seu beneficiário; sua técnica comunicacional e argumentativa; seu fundo sócio-histórico; seu estilo. Poucos trabalhos foram mais a fundo e propuseram uma análise da sua “língua”, da sua ordem enunciativa, discursiva ou buscaram entender a função social e o funcionamento sócio-discursivo da polêmica na nossa sociedade. Nesse sentido, cumpre sublinhar os trabalhos de Dominique Maingueneau (2005) acerca da polêmica como processo de interincompreensão regrada, em que a tradução dos limites estruturais de dois discursos se delimitam um ao outro; e os de Ruth Amossy (2017) sobre a polêmica enquanto modalidade argumentativa, que cumpre certas funções sociais e tem um funcionamento sócio-discursivo. São trabalhos com embasamentos teórico-metodológicos distintos, porém as abordagens dos dois pesquisadores sobre um mesmo fenômeno se não são complementares podem, por serem densas heurísticamente, dar conta de objetos diferentes dos quais inicialmente foram pensados por seus formuladores.

Neste artigo, com o objetivo primeiro de mostrar as diferenças de abordagem no tratamento da polêmica por parte de Maingueneau (2005) e de Amossy (2017), trazemos inicialmente a polêmica criada no campo do jornalismo em 2011, acerca da compra por parte do Ministério da Educação do livro de Português, *Por uma vida melhor*, distribuído gratuitamente aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA e, num segundo momento, a polêmica instaurada no campo da arte, em 2017, por conta do cancelamento, por parte do Banco Santander, da Exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*. Nosso objetivo último é contribuir minimamente com o debate epistemológico no âmbito das ciências linguagem, em torno da noção de polêmica.

2 A polêmica em Dominique Maingueneau: o caso do livro *Por uma vida melhor*

Ao longo de sua trajetória intelectual - e lá se vão mais de quatro décadas, beirado meio século de pesquisa - o linguista francês tem produzido um conjunto vasto de estudos, frequentando ao mais diferentes tipos de *corpora*, a partir dos quais tem postulado, com muito rigor científico, o que ele mesmo, inspirado por Nietzsche, designa, como ideias-força, ou



como ele mesmo designa: “convicções sobre o discurso”³. São ideias-força que embora tenham sido engendradas a partir de *corpora* bastante específicos, dada a sua natureza heurística, dão conta de descrever, explicar e interpretar fenômenos discursivos completamente distintos daqueles propostos e vão de uma semântica global a uma filosofia como instituição discursiva.

Por conta da temática deste artigo, nos contentaremos a apresentar a primeira ideia-força – semântica global – de maneira mais geral e, de forma mais específica, uma de suas ferramentas analíticas mais produtivas, a polêmica como processo de tradução, de interincompreensão regrada, tomando como *corpus* a polêmica instaurada no campo do jornalismo brasileiro em 2011 sobre o livro didático *Por uma vida melhor*⁴.

Em *Gênese dos discursos* (2005), Maingueneau parte da tese do primado do interdiscurso, segundo a qual na gênese de um discurso sempre se encontram outros discursos ou o discurso do Outro. Operacionalizada metodologicamente por meio da tríade conceitual – universo discursivo (todos os discursos de uma dada formação sócio-histórica), campo discursivo (os discursos que se delimitam reciprocamente numa região específica do universo discursivo) e espaço discursivo (discursos que o analista recorta para estudo, por vislumbrá-los como inextricavelmente ligados num dado campo) –, a tese do interdiscurso “faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regrada” (MAINGUENEAU, 2005, p. 22). Um espaço discursivo delimitado pressupõe a coexistência de um Mesmo e de um Outro que se opõem, constituem-se, delimitam-se, replicam-se, etc. Isso quer dizer que enunciar de acordo com as regras de um dado discurso implica necessariamente não compreender os enunciados do Outro. A interincompreensão significa mais do que uma simples troca entre discursos. Trata-se de um

³ Em palestra realizada durante o VIII Seminário Cenas da Enunciação, em maio último, na Universidade Federal de Mato Grosso, Dominique Maingueneau, ao discorrer sobre o seu percurso acadêmico, designou suas hipóteses de trabalho como *convicções acerca do discurso*.

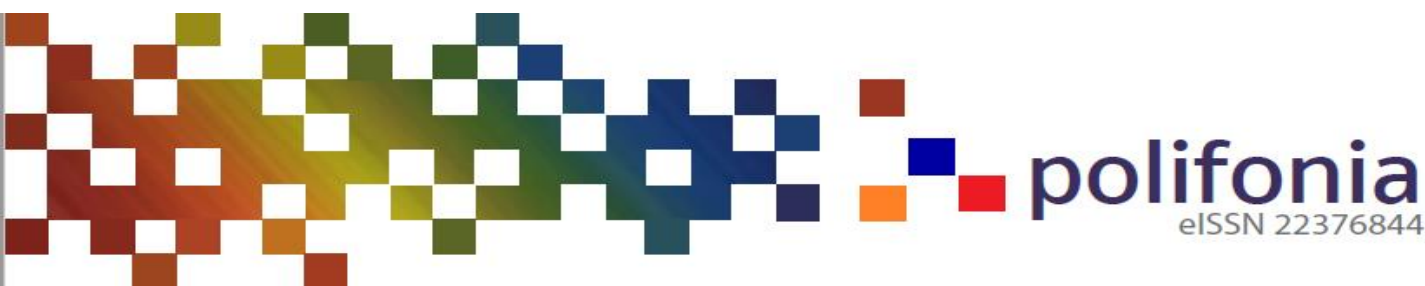
⁴ Retomamos aqui, com propósitos totalmente distintos, a publicação que realizei alhures em co-autoria com a colega e Amiga Maria Inês Pagliarini Cox, publicada na Revista Signum, volume 15, número 03, 2012. A íntegra do texto pode ser acessada em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/13085>.



processo de interpretação recíproca, em que cada formação discursiva somente “compreenderá” o seu Outro de acordo com seu próprio registro que inclui “os semas ‘positivos’, reivindicados” e “os semas ‘negativos’, rejeitados”. Sobre os enunciados do Outro, projetam-se os semas negativos, pois “para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente como simulacro que constrói dele”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 103).

O autor se refere à interpretação que um discurso realiza de seu Outro como um processo de tradução. Fica claro que ele não está pensando em tradução de uma língua para outra, mas sim de um discurso para outro, com base nas regras da formação discursiva em que o “eu” se inscreve. Afinal, a opacidade semântica não é um apanágio de línguas distintas, pois, dentro de uma mesma língua, podem ocorrer zonas de interincompreensão que o senso comum tão precisamente designa como “diálogo de surdos”. Para explicitar esse processo de tradução interdiscursiva, Maingueneau (2005, p. 103) distingue, em relação ao espaço discursivo, o *discurso-agente* – discurso tradutor – do *discurso-paciente* – discurso traduzido. Nesse espaço, o discurso-agente traduz o discurso-paciente por meio dos semas que rejeita. Assim, a relação entre o discurso agente e o discurso paciente “se dá sempre sob a forma do simulacro’ que dele constrói” (MAINGUENEAU, 2005, p. 22). É esse processo de tradução-simulacro que permite que os discursos preservem-se na ilusão do fechamento semântico. Por estarem cerceados por seu registro, por suas próprias restrições semânticas, por seus lugares de dizer, não podem “compreender” os sentidos outros que vão contra a sua própria constituição, a não ser negativamente.

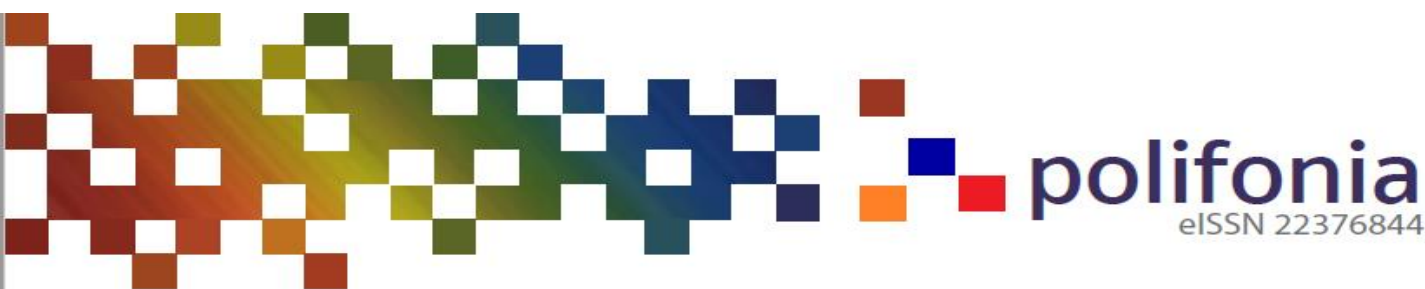
Apesar de ser comumente entendida como uma forma de conflito “perceptível” na superfície linguística, marcada por controvérsias explícitas, a polêmica pode presentificar-se na forma de um *dialogismo constitutivo*. Daí Maingueneau (2005, p. 112) distinguir dois níveis: o nível *dialógico* (heterogeneidade constitutiva) e o *propriamente polêmico* (heterogeneidade mostrada). No nível dialógico, subsome-se que os discursos se relacionam constantemente, imbricam-se sem que haja citação aparente, ou seja, heterogeneidade mostrada na superfície linguística. Já no nível propriamente polêmico, subsome-se que a



heterogeneidade, as dissensões, as oposições, as controvérsias são visíveis na superfície linguística. Um discurso envolvido em uma polêmica poderá se referir ao seu Outro de forma clara, usando expressões variadas: agressivas, mal intencionadas, derrisórias, irônicas, intrigantes, ameaçadoras etc., mas todas essas expressões serão desferidas pelo Mesmo a partir de um simulacro do Outro. A polêmica é uma “espécie de homeopatia pervertida: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor conjurar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro” (MAINGUENEAU, 2005, p. 113). Em síntese, “a identidade de um discurso coincide com a rede de interincompreensão na qual é capturada” (MAINGUENEAU, 2005, p. 22).

Não faz muito tempo, acompanhamos a ruidosa polêmica na mídia nacional em torno do livro didático de língua portuguesa *Por uma vida melhor*, distribuído gratuitamente pelo MEC aos estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A polêmica começou no dia 17 de maio de 2011, quando, no programa matinal Bom Dia Brasil da Rede Globo, o jornalista Alexandre Garcia noticiou, assumindo um tom condenatório, que o MEC estava financiando livros didáticos que fomentavam o uso do português errado. De modo previsível, o jornalista recorreu à tópica do “antigamente” para ancorar sua argumentação, afirmando que, quando estava no primeiro ano do grupo escolar e falava errado, a professora o corrigia, preparando-o “para vencer na vida”, pois tinha como óbvio que “a educação liberta e torna a vida melhor, nos livra da ignorância, que é a condenação à vida difícil. Quem for nivelado por baixo terá a vida nivelada por baixo”. Disse, ainda, que, no Brasil, passa-se a mão nos erros por medo de constranger o outro e faz-se o mesmo com a língua, “aprova-se a palavra errada para não constranger” o aluno. Instalava-se aí um acontecimento discursivo que iria, apesar de sua curta trajetória na mídia, render uma farta safra de matérias assinadas por jornalistas ou por pessoas notáveis da esfera pública brasileira.

Certamente, nem todos os temas suscitarão conflitos abertos entre formações discursivas que se relacionam em um dado espaço. Retomando a tese foucaultiana de que “o enunciado é raro”, Maingueneau (2005, p. 113) afirma que “a lista dos assuntos efetivamente debatidos é muito limitada, e mesmo pouco variada, a polêmica indo e voltando em torno de

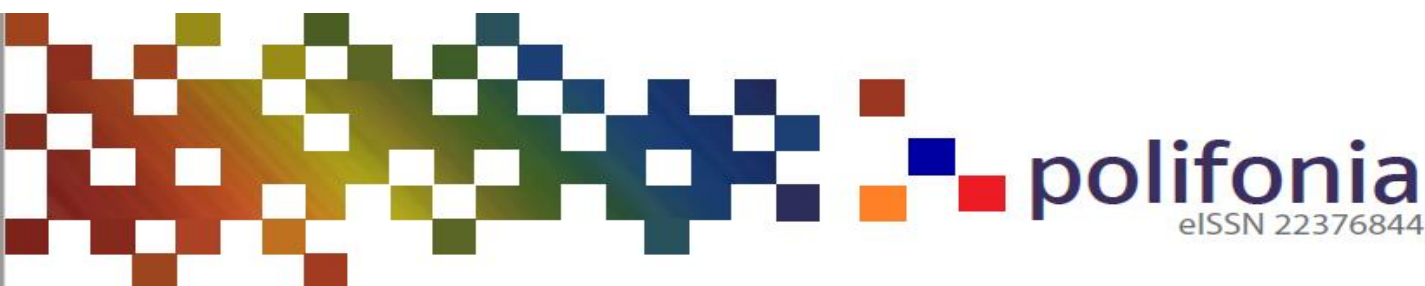


poucos pontos”. Essa afirmação se aplica perfeitamente à polêmica sobre o livro didático. Novamente vemos a mídia, interpelada pelo Discurso do Único, doravante DU, sair em praça pública para defender a existência de apenas uma norma linguística correta, polemizando com o Discurso do Múltiplo, doravante DM, que admite uma pluralidade de normas. Esse é o ponto chave da dissensão e contenda entre o DU e o DM. E é sempre sobre esse tema que vemos a mídia se pronunciar sobre a língua. Não foi diferente no momento em que acompanhamos o ruidoso acontecimento discursivo gerado pelo projeto de lei 1676/1999 que pretendia coibir/regular o uso de estrangeirismos no Brasil. A polêmica entre o DU e o DM reenvia, pois, à “incompatibilidade de dois universos semânticos, pela qual nenhum reconhece a maneira que o Outro tem de estar de acordo com a Lei” (MAINGUENEAU, 2005, p. 117). A Lei, uma espécie de Lenda ou Tesouro comum, é, no caso da polêmica entre o DU e o DM, a Norma Padrão que, segundo Rey (2002, p. 118), funciona como:

[...] um modelo, um arquétipo, uma idéia platônica. Esse arquétipo é progressivamente desprendido da vontade de um legislador para se fundar ficticiamente numa norma constituída, que bastará observar para descobrir “objetivamente”, para instituir um modelo de uso “sadio” e ter o direito de “curar” os desvios, as diferenças.

Sobre a Lenda da Norma Padrão, “cada discurso constrói a sua própria Lenda”. O DU a elege como a única norma gramatical desejável, como o modelo a ser seguido, embora nunca a realize plenamente. Porém, o irrealizado da Norma Padrão é sempre silenciado pelo DU. Já DM interpreta a Norma Padrão como a norma ideal entre as normas reais, essas últimas todas gramaticalmente possíveis e aceitáveis, dependendo da situação de enunciação. As normas reais, mesmo as ditas cultas, não cessam de mostrar o irrealizado da Norma Padrão.

A breve análise empreendida sobre a polêmica do livro *Por uma vida melhor* nos mostra que os postulados de Maingueneau acerca da polêmica como um processo de tradução, de interincompreensão regrada são boas ferramentas para compreender o funcionamento discursivo da polêmica na nossa sociedade. Contudo, embora Maingueneau discuta a “língua”, a semântica da polêmica, não há por parte do pesquisador francês a tentativa de



construção de uma teoria da polêmica, que dê conta de sua função social e de seu funcionamento sócio-discursivo no espaço público. Este é o objetivo da pesquisadora francesa Ruth Amossy.

3 A polêmica em Ruth Amossy: o caso do cancelamento da *Queermuseu*⁵

Ruth Amossy, em seu livro *Apologia da polêmica*, publicado no Brasil em 2017, traz importante contribuição teórico-metodológica para se pensar os confrontos verbais que se dão na vida pública, especialmente, os que circulam nas mídias. A preocupação da pesquisadora francesa ao se debruçar sobre a polêmica é mostrar que esse tipo de dissenso tem uma função social e um funcionamento sócio-discursivo na nossa sociedade. Em seu empreendimento epistemológico, a pesquisadora busca responder às seguintes questões:

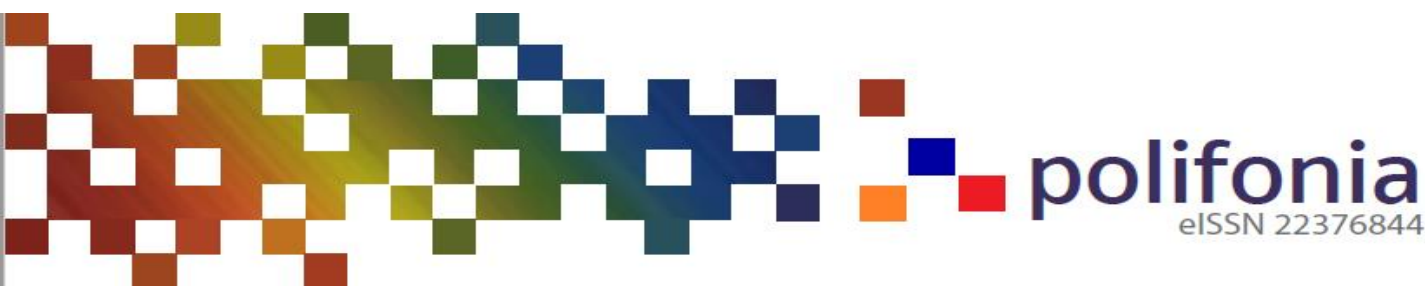
- O que é a polêmica?⁶
- Como funciona a polêmica?
- Como ela se manifesta nos discursos que as mídias fazem circular em espaço público e com os quais nos defrontamos diariamente?
- E o que nos revelam essas manifestações discursivas sobre os objetivos e as questões sociais dos debates polêmicos?

Nesse sentido, por mais paradoxal que possa parecer, a autora entende que a função da polêmica é realizar uma gestão verbal do conflito, realizada sob o modo da dissensão. Assim,

(...) a polêmica – que gerencia os conflitos valendo-se do choque das opiniões contraditórias – não permite nem conduzir a um acordo, nem assegurar um modo de coexistência numa comunidade dividida entre

⁵ Retomamos aqui, com propósitos totalmente distintos, a publicação que realizei alhures em co-autoria com a ex-aluna, colega e Amiga Marilena Inácio de Souza, intitulada *Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte brasileira: breve discussão sobre polêmica e memória discursiva*, publicada na Revista *Discurso & Sociedad*, volume 12, número 03 de 2018. A íntegra desse artigo pode ser acessada em [http://www.dissoc.org/ediciones/v12n03/DS12\(3\)InaciodeSouza&Leiser.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v12n03/DS12(3)InaciodeSouza&Leiser.pdf)

⁶ Uma polêmica é o conjunto das intervenções antagônicas sobre uma dada questão em dado momento. (...). A polêmica se constrói através de todas as interações públicas ou semi-públicas que tratam de uma questão social e se manifesta na circulação dos discursos. (AMOSSY, 2017, p. 72). Como modalidade discursiva, a polêmica é antes de tudo, uma arte da refutação. (AMOSSY, 2017, p. 98).

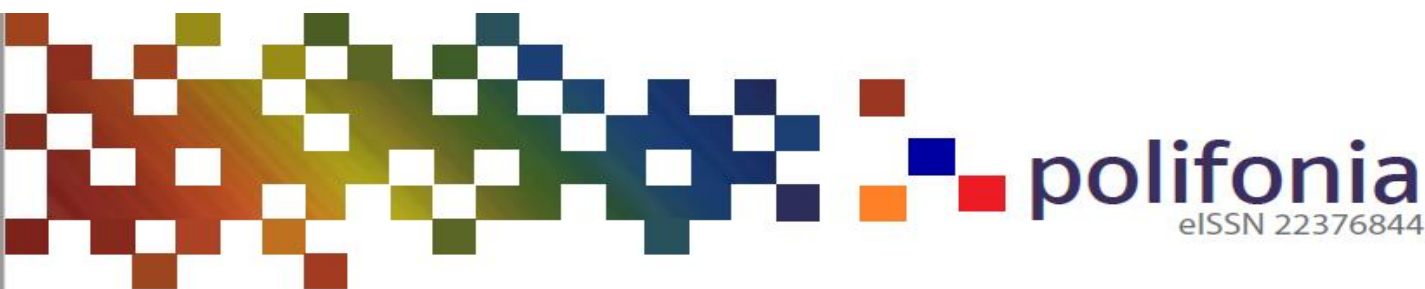


posições e interesses divergentes. (...) A polêmica preenche, por esse motivo, funções importantes que vão da possibilidade do confronto público no seio das tensões e de conflitos insolúveis à formação de comunidades de protesto e de ação pública (AMOSSY, 2017, p. 13).

Amossy, partindo do princípio de que a polêmica se apresenta como um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta anseios importantes da sociedade, geralmente efêmera, entende também que a polêmica possui um funcionamento argumentativo. Com efeito, para Ruth Amossy, a primeira marca da polêmica como debate da atualidade é uma oposição de discursos. O antagonismo das opiniões levantadas no interior de um confronto verbal é a sua condição primeira. Trata-se de uma atividade enunciativa que consiste em trazer argumentos em favor de uma tese e no mesmo processo arregimentar argumentos contra a tese adversa.

Para Amossy (2017) a polêmica é muito bem argumentada, isto é, “existe um continuum e que vai da coconstrução de respostas ao choque de teses antagônicas. Trata-se de estruturas de interações globais que se pode qualificar como modalidades argumentativas”. Em outras palavras, não se trata apenas de uma característica que está presente em certos gêneros e tipos de discurso e ausente em outros, visto que por ser uma modalidade argumentativa, a polêmica passa aquém e além das questões de gênero e de tipos de discurso. Enquanto modalidade argumentativa, a polêmica possui traços que a distinguem de outros confrontos verbais. Para Amossy, ancorados no conflitual, isto é, no embate de teses antagônicas que circulam no espaço público em que o acordo se torna praticamente impossível, três são os traços definidores da polêmica: a dicotomização; a polarização e a desqualificação do outro.

Amossy entende que “o discurso polêmico e a interação polêmica são as formas que as intervenções constitutivas da polêmica podem assumir”, portanto, é necessário distinguir o discurso polêmico da interação polêmica, que é uma interação face a face ou uma interação assíncrona. Para mostrar a operacionalidade analítica de sua teoria, a autora analisa em diferentes cenas genéricas três tipos de polêmicas: o uso da Burca e a questão do bônus e as



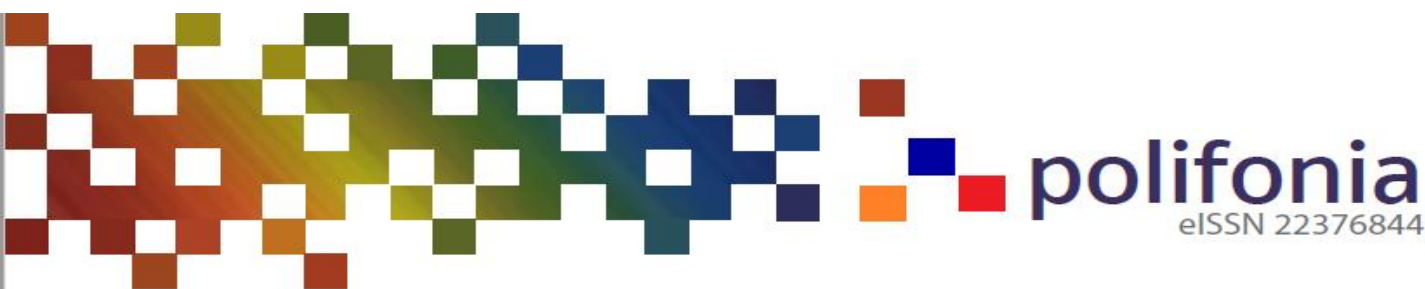
stock-options no contexto francês e a exclusão das mulheres do espaço público, ocorrida em Israel, nos meios ultra ortodoxos.

Temas que tratam a questão do gênero e da diversidade sexual têm se tornado cada vez mais frequentes no nosso cotidiano. Se até meados do século XX, a questão era tratada como tabu, discutida mais comumente no âmbito do espaço privado, com a irrupção de movimentos sociais que lutam pelas suas identidades e com a expansão da globalização e a midiaticização das informações, propiciadas, sobretudo, pela revolução tecnológica e o avanço da Internet, estes temas têm ganhado cada vez mais atenção, tornando-se alvo de comentários e, sobretudo, de diversas polêmicas no espaço público.

A exposição “*Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira*”, promovida pelo Santander Cultural é um bom exemplo de circulação desses temas. Lygia Clark, Adriana Varejão, Cândido Portinari e Leonilson, artistas visuais brasileiros de renome internacional, estão entre 85 autores das 270 obras que integraram a exposição, inaugurada no Museu Cultural de Porto Alegre- RS, em 14 de agosto de 2017. A mostra contemplava trabalhos em diferentes mídiuns, como pintura, gravura, fotografia, serigrafia, desenho, colagem, cerâmica, escultura e vídeo, datadas de meados do século XX até a atualidade.

De acordo com o curador da exposição, Gaudêncio Fidelis, a proposta da seleção é ampliar a visibilidade de questões LGBT, propondo a provocação estética e estimulando a revisão de obras de artistas marginalizados, com um amplo escopo de representação, que abarca das relações de poder e dominação do Brasil Colonial a ensaios fotográficos com corpos nus de jogadores de futebol. A exposição contou ainda com criações de época, nas quais as questões LGBT sequer eram abarcadas por essa sigla, como o quadro “Busto de Jovem”, pintado por Pedro Américo em 1889, e “Retrato de Rodolfo Jozetti”, de Portinari, datado em 1928.

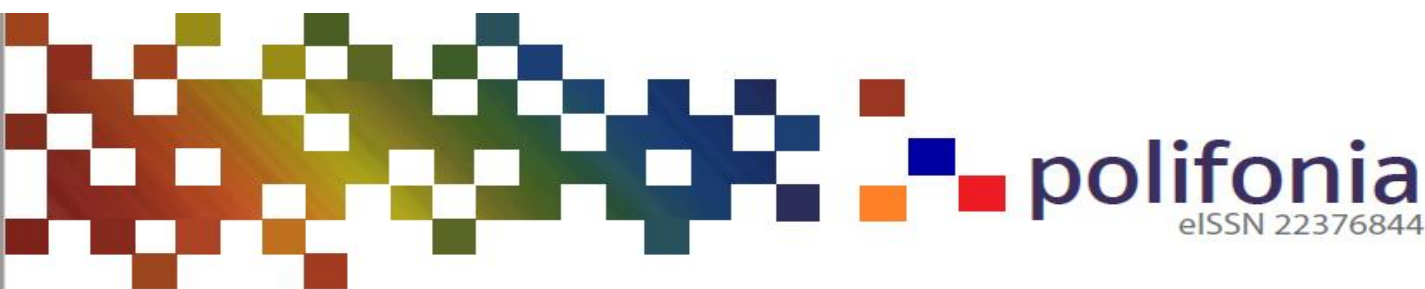
O conteúdo da exposição de Gaudêncio Fidelis tornou-se objeto de intensa polêmica, na mídia e, por isso, a Mostra foi cancelada no dia 10 de setembro de 2017, um mês antes do previsto. O cancelamento da exposição atendeu a reivindicações de grupos religiosos e do Movimento Brasil Livre - MBL, que fizeram campanhas nas redes sociais para encerrá-la. As



mensagens e vídeos compartilhados faziam referência as obras “Cruzando Jesus Cristo Deusa Schiva”, de Fernando Baril; “Criança viada travesti da lambada”; “Criança viada deusa das águas”, de Bia Leite; e “Cenas de interior II”, de Adriana Varejão. Os manifestantes, ao fazerem referência às imagens, alegaram que a exposição promovia tanto a blasfêmia contra símbolos religiosos quanto a apologia à pedofilia e à zoofilia. Para pressionar o Santander a cancelar a exposição, também foram feitas campanhas virtuais que incentivam os correntistas a encerrarem suas contas como forma de boicote, caso a exposição não fosse cancelada.

Diante da forte repercussão, o Santander, em um primeiro momento, esclareceu por meio de nota, que algumas obras da mostra poderiam provocar um sentimento contrário daquilo que discutem. No entanto, elas tinham sido criadas "justamente para nos fazer refletir sobre os desafios que devemos enfrentar em relação às questões de gênero, diversidade, violência entre outros". Dois dias depois, entretanto, o Santander voltou atrás e cedeu às pressões dos críticos com medo tanto de um forte boicote, quanto de ver a instituição financeira ter seus lucros diminuídos. Novamente, em nota, publicou a seguinte declaração:

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição Queermuseu - Cartografias da diferença na Arte Brasileira. Pedimos sinceras desculpas a todos os que se sentiram ofendidos por alguma obra que fazia parte da mostra. O objetivo do Santander Cultural é incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo, e não gerar qualquer tipo de desrespeito e discórdia. Nosso papel, como um espaço cultural, é dar luz ao trabalho de curadores e artistas brasileiros para gerar reflexão. Sempre fazemos isso sem interferir no conteúdo para preservar a independência dos autores, e essa tem sido a maneira mais eficaz de levar ao público um trabalho inovador e de qualidade. Desta vez, no entanto, ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição Queermuseu desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perde seu propósito maior, que é elevar a condição humana. O Santander Cultural não chancela um tipo de arte, mas sim a arte na sua pluralidade, alicerçada no profundo respeito que temos por cada indivíduo. Por essa razão, decidimos encerrar a mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas



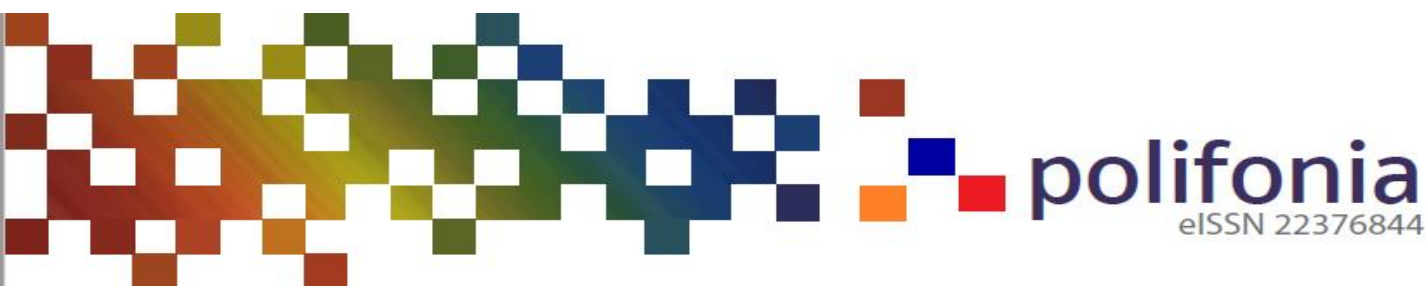
contemporâneos (SANTANDER CULTURAL, O GLOBO, 10/09/17).

A nota de esclarecimento do Santander provocou uma enxurrada de comentários na mídia. Nos dias seguintes ao cancelamento da exposição, emergiu nos mais diversos meios de comunicação uma série de textos que expunham argumentos contra e a favor da exposição. Enquanto os representantes do MBL e seus apoiadores repudiavam o conteúdo da exposição, personalidades do meio artístico e diversos internautas acusaram o Santander de promover a censura. Muitos reclamavam também da falta de uma classificação de idade mínima para visitar o local. A repercussão foi tanta, que os termos Santander e MBL ficaram entre os mais comentados nas redes sociais, chegando a atingir cerca de um milhão e duzentos mil comentários somente no mês de setembro daquele ano.

Antes de apresentar os dados coletados para este estudo, convém destacar que a polêmica em torno da *Queermuseu*, apesar de se desenvolver nas redes sociais, por meio das conversações digitais, não se relacionou exclusivamente a este contexto. Ela envolveu um contexto político, cultural e religioso exterior a internet, no entanto, está se desenvolvendo nesse espaço, de forma desregrada, marcada pela linguagem ultrajante que busca injuriar e insultar o oponente. Trata-se, como veremos no decorrer desta seção, de interações hostis e agressivas nas discussões *on-line*.

Sobre essa questão, Amossy (2017) observa que, nas conversações digitais, os internautas se utilizam de uma máscara, espécie de pseudônimo, um *avatar*, que lhes permite fazer uso da violência verbal e atacar a face do outro sem sofrer nenhuma sanção. É no interior do jogo de máscaras, segundo a autora, que ocorre uma despersonalização e, por isso, uma desresponsabilização tanto na esfera jurídica quanto na esfera social e na ética. Nesse caso,

o debate polêmico não opõe mais atores sociais, mas “avatares”, seres dotados de uma identidade fictícia no *cyberespaço*. Na carnavalização da fala política, que suscita o jogo de máscaras, o internauta concederia a si mesmo todos os direitos, a ponto de os piores excessos serem temidos (AMOSSY, 2017, p.174).

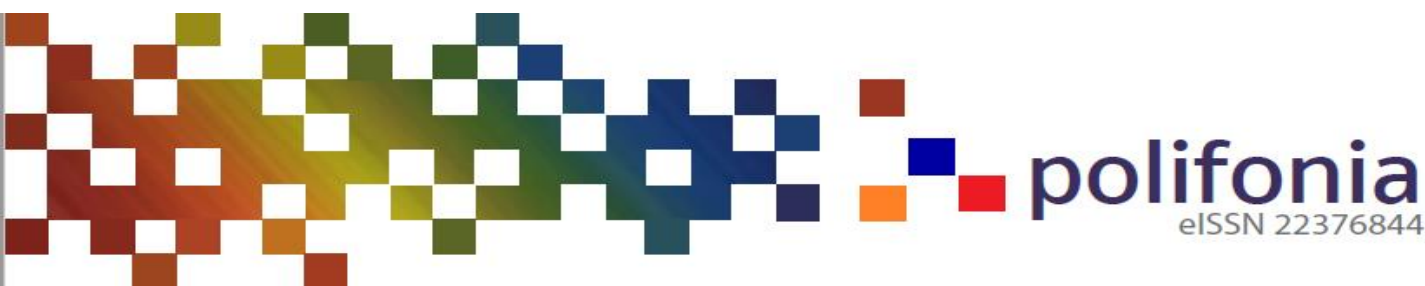


No entendimento da estudiosa francesa, longe de serem meras explosões individuais de humor, as interações hostis *online* estão, ao contrário, relacionadas a conflitos psicossociais. Até na sua brutalidade, essas interações participam de um ritual que modela as relações agonísticas no fundamento da polêmica. Significa dizer que a violência verbal não esvazia a argumentação. Ao contrário,

é a coexistência da argumentação e da violência que permite às discussões violentas virtuais não caírem na agressividade pura e se manterem no enquadre contextual da polêmica como modalidade argumentativa caracterizada pelo choque de opiniões antagônicas. Elas não constituem um comportamento verbal desenfreado que permita suscitar todas as inibições, mas um modo de gestão do conflito no qual o dispositivo do midiático concede um lugar não negligenciável à violência verbal (AMOSSY, 2017, p.178).

Os dados, a seguir, permitem observar o conflito de opiniões em torno da *Queermuseu*, bem como averiguar em que medida a violência verbal, inscrita nas discussões digitais, contribui para a propagação da polêmica. Apresentamos primeiramente os discursos favoráveis à exposição para, em seguida, confrontá-los aos discursos contrários a ela:

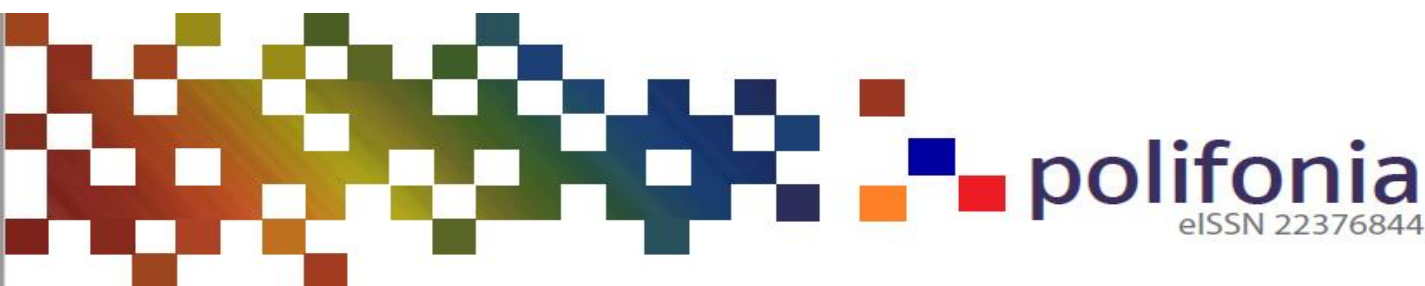
- (1) "Já fiz duas bienais do Mercosul, nunca tinha visto algo parecido. As manifestações foram muito organizadas e se debruçaram sobre algumas obras muito específicas, que não dão a verdadeira dimensão da exposição. Esses grupos [de críticos] mostraram uma rapidez em distorcer o conteúdo, que não é ofensivo". (Ponderou o curador da exposição, Gaudêncio Fidelis, em entrevista ao jornal O Globo).
- (2) "A arte é o melhor lugar para debater. Eu vejo como preocupante esse tipo de movimento que impulsiona esse tipo de intransigência com o debate. Essas ideias de intolerância são incompatíveis com a arte. É uma censura". (Afirmou o ex-presidente da Fundação Nacional de Artes e atual diretor executivo do *Inhotim*, Antonio Grassi, em entrevista ao jornal El País).
- (3) "Rumo ao passado. E que vergonhosa a nota do Santander, querendo justificar, valendo-se de hipócrita retórica corporativa, o ato de censura que cometeu. Viva a diversidade!". (Declarou o crítico de arte, Moacir Dos Anjos, que já foi curador da Bienal de São Paulo, em sua página do Facebook).
- (4) "Liberdade de expressão, censura não". (Declarou a atriz Bárbara Paz, no Instagram)



- (5) "Abram os museus e as cabeças para a arte e para a diversidade humana". (Publicou a cantora Daniela Mercury, no Instagram);
- (6) "A melhor forma de resistir ao obscurantismo é espalhar as obras da exposição #queermuseu por aí". (Publicou a artista Marina Person, no Instagram);
- (7) "Liberdade de expressão para os artistas é essencial. Isso sempre teve. Na Renascença, Michelangelo pintou nus na Capela Sistina. A moda depois exigiu que os nus fossem cobertos e depois foram descobertos de novo. E nus em exposições aparecem inúmeras vezes. Não se fala de pornografia ou de agressões às pessoas. Entretanto, tem que ser colocado no museu e antes para a pessoa saber o que está sendo mostrado". (Depoimento da artista plástica Pietrina Checcacci, no Twitter);

Em resposta a esses enunciados, os representantes do MBL e algumas personalidades políticas alegaram que não incentivaram a censura, mas trabalharam para garantir as leis institucionais, que visam preservar a "moral". Os comentários, a seguir, dialogam com os textos favoráveis à exposição, refutando-os. Eles combatem as teses adversas retomando-as e, por vezes, reformulando-as:

- (8) Colocamos a nossa posição nas redes sociais. Não compactuamos com esse tipo de postura e discordamos que dinheiro público esteja envolvido na divulgação de pedofilia ou outras "filias". Não acredito que (a mostra) seja um tipo de arte. Para começar, não entendo que isso seja arte, muito menos que uma criança tenha acesso a esse tipo de coisa. (Paula Cassol, coordenadora estadual do MBL, do RS, em entrevista ao jornal ZH);
- (9) "Não vejo que exista censura de baixo para cima. Na verdade, há uma revolta popular contra o conteúdo que foi colocado na exposição. Em momento algum houve a coação do banco. Retiraram a exposição porque quiseram. Podiam ter tirado obras, poderiam ter censurado, podiam ter feito uma série de coisas e a opção (por fechar) foi do Santander. Querer dizer que isso é censura, ditadura? Censura é o que acontece na Venezuela, em Cuba, na Coreia do Norte, onde você não pode veicular conteúdo nenhum. Aqui é Brasil e as pessoas têm liberdade de expressão, mas isso não quer dizer que você possa produzir conteúdo pornográfico pedófilo e dar acesso a isso para crianças. Se fosse censura, seria censura do governo em não permitir que a exposição fosse realizada." (Afirmou Paula Cassol, coordenadora do MBL no Rio Grande do Sul, a VEJA).
- (10) "Santander Cultural promove pornografia e até pedofilia com base na Lei de Incentivo à Cultura." (Página do Facebook do MBL)
- (11) "Isso é um boicote que deu certo, não uma censura." (Afirmou Kim Kataguri, um dos líderes do MBL, no Instagram)



- (12) “Gosto da arte, mas tudo deve obedecer um limite.” (Declarou o prefeito de São Paulo, João Doria Jr.)
- (13) É por isso que, aqui no Rio, a gente não quer essa exposição. Saiu no jornal que ia ser no MAR. Só se for no fundo do mar. Porque no Museu de Arte do Rio não” (Marcelo Crivella, no vídeo publicado no último domingo (1º de outubro).
- (14) “Tem que fuzilar os autores da *Queermuseu*.” (Declarou o Deputado Federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ), ao programa “TV Verdade”, em Belo Horizonte);

Os excertos selecionados são bastante representativos de discursos antagônicos, que denunciam, protestam, chamam à ação e, mais, geralmente, mantêm, sob o modo do *dissenso*, a comunicação em espaço público entre indivíduos, cujas visões são diferentes e excludentes umas das outras. Trata-se, conforme ilustram os dados, de blocos de argumentos recorrentes, mais ou menos articulados entre si, que constituem um arsenal do qual se valem os que defendem uma mesma causa. Ademais, os enunciados selecionados nos mostram o funcionamento dos traços, que segundo Amossy (2017), constituem uma polêmica: dicotomização; polarização e desqualificação do outro. Em relação ao primeiro traço é possível perceber que há o choque de opiniões contraditórias (os que criticam essa exposição e os que a defendem). Trata-se de duas opiniões antitéticas que se excluem mutuamente, sem a mínima possibilidade de conciliação.

No que tange ao segundo traço, é possível constatar que são mobilizadas vozes que se agrupam em dois conjuntos distintos, diametralmente opostos. De um lado uma figura discursiva, entendida por Amossy (2017), como Proponente (os que criticam a exposição) e de outro a de um Oponente (os que defendem a exposição) em face a um Terceiro elemento (a opinião pública). Não se trata de sujeitos empíricos, mas de figuras actanciais que se colocam em lugares enunciativos opostos, instaurando dessa maneira não apenas uma divisão entre adversários, mas, sobretudo, instaurando um “nós” diante de um “eles”, situados em campos inimigos.

Os enunciados elencados revelam que, para além da dicotomização e da polarização, as figuras enunciativas construídas no discurso mostram que - para cooptar a opinião pública em favor de uma tese ou de outra - é estabelecida uma estratégia de depreciação, de



difamação do outro, a partir da reiteração de que esse outro defende um ponto de vista não autêntico, se constituindo como o símbolo do erro e, sobretudo, do mal e que, por conta disso deve ser punido, criminalizado.

Os dados anteriormente analisados não deixam dúvidas de que as proposições de Amossy (2017) acerca da noção de polêmica, enquanto uma modalidade argumentativa, são bastante pertinentes para dar conta das mais diversas polêmicas que circulam no espaço público, evidenciando suas funções sociais e seu funcionamento sócio-discursivo.

4 Conclusão

Analisamos as duas polêmicas: a do livro didático *Por uma vida melhor* e a do cancelamento da *Exposição Queermuseu*, a partir de dois modelos teóricos, um proposto por Maingueneau (2005) e outro proposto por Amossy (2017) com objetivo de mostrar, por um lado, a fecundidade dessas abordagens para o tratamento da polêmica e, por outro, evidenciar que para além de suas distintas filiações epistemológicas são modelos que podem ser complementares.

A proposta de Maingueneau (2005) tem como cerne epistemológico o processo de tradução, de interincompreensão regrada, que é a condição mesmo da polêmica, isto é, numa discussão, o confronto só existe, pois cada uma das partes retoma o discurso do outro, integrando-o por inversão ao seu próprio sistema. Assim concebida, a polêmica deixa de ser pensada como conflito originário do exterior, que se agrega a um discurso por direito autossuficiente e passa a ser pensada como inerente às suas condições de possibilidade. Está na base da noção de polêmica de Maingueneau que dois discursos se constroem opondo-se um ao outro, sem que haja a possibilidade de consenso.

Amossy (2017), ao defender a polêmica como modalidade argumentativa, como Maingueneau (2005) também entende que a polêmica não é algo litigioso que se agrega ao discurso, vindo do exterior; assim a pesquisadora também partirá da ideia de que toda polêmica irrompe de uma oposição de discursos, que são inconciliáveis, tendendo sempre para a dicotomização. O que a autora francesa avança em relação ao pensamento de



Dominique Maingueneau acerca da noção de polêmica, sobretudo a noção trabalhada em *Gênese dos Discursos* (1984) é que ela não restringe esta noção com base em um único traço definidor, qual seja a oposição de discursos que se colocam em posições dicotômicas, impossíveis de serem relativizadas em vista de uma solução comum. Ruth Amossy entende que toda polêmica apresenta para além da dicotomização, também a polarização e a desqualificação do outro. Ao ir além da dicotomização, propondo que toda polêmica se define também pela polarização e pela desqualificação do outro, Amossy resolve certa “fragilidade” da proposta de Maingueneau, que é congelar os participantes da polêmica em posições simétricas e insuperáveis, isto é, o “eu” do discurso sempre traduzirá o “outro” a partir da grade semântica da sua própria formação discursiva. No entanto, na proposta de Amossy é possível pensar também numa desdicotomização do embate, isto é, o “outro” do discurso pode questionar a interpretação do “eu” ou mesmo concordar na totalidade em parte com essa interpretação. Ademais, a proposta de Amossy ao incluir o Terceiro do discurso (que pode ser a opinião pública) produz um efeito de mais legitimidade ao ponto de vista dos sujeitos que participam da polêmica. A importância desse Terceiro do discurso para o processo de desdicotomização da polêmica pode ser observado, por exemplo, na mais recente polêmica gerada pela fala do presidente Jair Bolsonaro acerca da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB. Em 29/07, numa entrevista coletiva a jornalista em Brasília, o presidente brasileiro ao reclamar da OAB na investigação do ataque a faca por ele sofrido, durante a campanha eleitoral de 2018, disse:

“Por que a OAB impediu que a Polícia Federal entrasse no telefone de um dos caríssimos advogados [do Adélio]... Um dia se o presidente da OAB [Felipe Santa Cruz] quiser saber como é que o pai dele desapareceu no período militar, eu conto para ele. Ele não vai querer ouvir a verdade. Eu conto para ele... O pai dele integrou a Ação Popular, o grupo mais sanguinário e violento da guerrilha lá de Pernambuco, e veio a desaparecer no Rio de Janeiro”.

Depois dessa declaração, várias entidades, que defendem os Direitos Humanos no Brasil, se manifestaram. Dentre elas a própria OAB, que divulgou uma nota repudiando as afirmações do presidente da república. Também sobre a declaração do presidente, a Diretora



da Anistia Internacional Jurema Werneck se manifestou em nota dizendo que “é terrível que o filho de um desaparecido pelo regime militar tenha que ouvir do presidente do Brasil que deveria ser o defensor máximo do respeito e da justiça país, tenha de ouvir declarações tão duras”. A nota afirmou ainda que o direito à memória, à justiça, verdade e reparação das vítimas deve ser promovido pelo Estado brasileiro. O próprio Felipe Santa Cruz divulgou nota a respeito:

“Como orgulhoso filho de Fernando Santa Cruz, quero inicialmente agradecer pelas manifestações de solidariedade que estou recebendo em razão das inqualificáveis declarações do presidente Jair Bolsonaro. O mandatário da República deixa patente seu desconhecimento sobre a diferença entre público e privado, demonstrando mais uma vez traços de caráter graves em um governante: a crueldade e a falta de empatia. É de se estranhar tal comportamento em um homem que se diz cristão. Lamentavelmente, temos um presidente que trata a perda de um pai como se fosse assunto corriqueiro – e debocha do assassinato de um jovem aos 26 anos. Meu pai era da juventude católica de Pernambuco, funcionário público, casado, aluno de Direito. Minha avó acaba de falecer, aos 105 anos, sem saber como o filho foi assassinado. Se o presidente sabe, por “vivência”, tanto sobre o presente caso quanto com relação aos de todos os demais “desaparecidos”, nossas famílias querem saber. A respeito da defesa das prerrogativas da advocacia brasileira, nossa principal missão, asseguro que permaneceremos irredutíveis na garantia do sigilo da comunicação entre advogado e cliente. Garantia que é do cidadão, e não do advogado. Vale salientar que, no episódio citado na infeliz coletiva presidencial, apenas o celular de seu representante legal foi protegido. Jamais o do autor, sendo essa mais uma notícia falsa a se somar a tantas. O que realmente incomoda Bolsonaro é a defesa que fazemos da advocacia, dos direitos humanos, do meio ambiente, das minorias e de outros temas da cidadania que ele insiste em atacar. Temas que, aliás, sempre estiveram – e sempre estarão – sob a salvaguarda da Ordem dos Advogados do Brasil. Por fim, afirmo que o que une nossas gerações, a minha e a do meu pai, é o compromisso inarredável com a democracia, e por ela estamos prontos aos maiores sacrifícios. Goste ou não o presidente”.



Em contrapartida, milhares de internautas saíram em defesa do presidente⁷:

“A OAB vem, ao longo dos anos, se assemelhando à UNE, isto é, tendo um viés ideológico. É claro que a morte do pai do presidente da OAB é algo triste e temos o dever de rezar por ele e de lutar pela democracia do Brasil. Entretanto, a esquerda nunca lutou pela democracia, mas pela Ditadura do Proletariado. Comparando esta Ditadura com a Ditadura Militar, realmente, os militares foram muito mais suaves e brandos do que qualquer Ditadura do Proletariado. Viva os militares”.

Essa fala do internauta, que pode ser entendida como uma espécie representação metonímica dos que saíram em defesa do presidente, nos mostra o quanto o Terceiro do discurso é importante para a desdicotomização da polêmica, ou seja, pela asserção do internauta, o embate não se dá mais entre o presidente e a OAB, uma vez que esta última instituição por conta do seu viés ideológico, se assemelha à UNE. No caso em discussão, entram em cena outros atores – esquerdistas, proletários, militares, outras instituições que a princípio não teriam nada a ver com a questão, mas que passam a fazer parte da polêmica não somente como fiadores, mas, sobretudo, como protagonistas.

5 Referências

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Trad. Rosalice Botelho, Wakim Souza Pinto [et al]. Coord. da Trad. Mônica Cavalcante. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.

POSSENTI, S.; MUSSALIM, F. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. IN: PAULA, L.; STAFUZZA, G. *Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Ubelândia, MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, EDUFU, 2010.

⁷ Alguns desses comentários podem ser vistos em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/29/se-o-presidente-da-oab-quiser-saber-como-o-pai-desapareceu-no-periodo-militar-eu-conto-para-ele-diz-bolsonaro.ghtml>